

IMAGEM NO EXTERIOR

Fotografia experimental como pesquisa

Jochen Dietrich



A maior parte do meu trabalho fotográfico é produzido usando máquinas do tipo câmera obscura ou *pinhole* (do inglês: buraco de agulha/prego). São aquelas “caixas de sapato” ou “latas Nestlé”, equipadas com uma abertura simples e bem pequena, que nos fazem lembrar as aulas de física, quando falamos de ótica. O interesse no uso desta maquinaria primitiva se baseia, em alguns dos meus projetos, nas qualidades estéticas das imagens produzidas dentro deste sistema, que por vários fatores são diferentes das da fotografia comum. O problema da profundidade reduzida do campo não existe aqui, podemos facilmente influenciar a construção geométrica da imagem, e a ligeira falta de definição e de detalhe cria um certo *flow*, impossível de conseguirmos usando máquinas normais. Mas, estou mais interessado no processo do que nos resultados: o ato fotográfico é fundamentalmente alterado quando comparamos a fotografia comum com a *pinhole* que, por esta razão (entre várias outras) deve ser entendida como sistema paralelo, e não primitivo, à fotografia com lentes.

Máquinas *pinhole* são muito lentas. É pouca luz que entra pelo buraco minúsculo. Coloca-se a máquina no chão, ou em cima de outro suporte estável, e abre-se o orifício – a partir deste momento a

participação ativa do “autor” se torna dispensável. É uma experiência curiosa para uma pessoa que se julga criativa e participante do processo e da criação que, como mostra a experiência, desenrola-se independentemente. Não sou eu quem bate a foto – é a fotografia que se dá.

Outra observação curiosa que podemos fazer é que, ao longo deste tempo prolongado de exposição – um tempo de espera para o ex-autor que o passa ao pé da sua máquina, olhando a sua volta – é que a relação entre o real e a representação não é muita estreita. Por exemplo, nem todos os elementos do real ficam guardados na chapa fotográfica. Um carro que passa, um cachorro que levanta e sai – só ficam registrados quando permanecem durante a maior parte do tempo total de exposição. Se a sua passagem pelo espaço fotografado for relativamente curta, não deixam marca nenhuma na foto, ou somente uma nuvem semitransparente.

Como é baseada nos princípios da ótica geométrica, a câmara obscura realiza o sistema da perspectiva central de um ponto de fuga, de uma maneira mais pura do que todas as outras máquinas fotográficas. De fato, ela acompanhou a invenção do sistema de representação espacial renascentista, desde o início, desde a invenção do estranho dispositivo criado por Brunelleschi, que fixou o olho humano através de uma *pinhole*. Durante os dois séculos seguintes, a estrutura de Brunelleschi forneceu uma base forte para a confiança do homem renascentista: a cognição da realidade era possível. Nisso a câmara obscura forneceu o modelo filosófico fundamental. A parede da câmara separou *res extensa* e o *cogito*, e o diafragma possibilitou uma visão do mundo clara, distinta e cientificamente provada.

Por outro lado, o mesmo dispositivo ótico tem um potencial excepcional de criticar e perturbar o sistema clássico, servindo-se de diafragmas múltiplos e planos curvos e torcidos. Daí resultam as possibilidades quase ilimitadas para uma experiência prática atual de fotografia pinhole. Outra vez, essa prática artística contemporânea reflete

um discurso filosófico histórico – o mesmo dispositivo que durante o Renascimento provou a possibilidade de uma cognição adequada e correta do mundo, serviu, desde o século XVI, como prova do contrário. A câmera obscura e, mais ainda, a lanterna mágica ensinaram ao homem a desconfiar dos seus olhos, dos sentidos e dos dispositivos da percepção. Quem trabalha com câmera obscura, necessariamente, vai notar como a estrutura espacial da câmara influencia a representação do espaço "real"; ele vai se dar conta que o esquema clássico – a caixa retangular, com um diafragma central na parede oposta à tela – é nada mais do que um caso muito arbitrário, muito especial.

REFERÊNCIAS

– DIETRICH, Jochen. Janelas com boas vistas – fotografia, arte, participação e aprendizagem. In: LENZI, Lúcia et alii. *Imagem: intervenção e pesquisa*. Florianópolis: EdUFSC, 2006.

sobre o(a) autor(a):

Doutor em Ciências da Educação pela Universidade de Siegen – Alemanha. Fotógrafo.